

NHORINHÁ: A PRESENÇA PELA AUSÊNCIA - UMA ETERNA PAIXÃO

Adair de Aguiar Neitzel
Mestranda em Literatura Brasileira, UFSC

Eros, em sua perene atividade, celebra em *Grande Sertão: Veredas*¹ um dinamismo do corpo, uma trajetória erótica, interpretada no sentido ascendente por Riobaldo e Nhorinhá. É o amor que os une e também os separa, amor que estimula a prática de belas coisas, dá harmonia ao corpo, além de inspirar o Bem e impedir o Mal², elevando esse relacionamento a uma categoria acima daquelas em que, geralmente, classificamos as ligações com prostitutas. Esse enamoramento entre Riobaldo e Nhorinhá está vinculado às boas ações, e se encaminha para um amor belo e louvável³.

Essa via erótica, portanto, não explora e expira só o prazer sexual, a concupiscência, mas permite o deslumbramento do espírito, operando a metamorfose necessária para a renovação do ser. Renovação que Riobaldo procura alcançar nas trilhas e veredas do Sertão de Minas. E é nelas que ele se depara com um tipo de amor “simples e natural que nasceu de um abraço voluptuoso e sensual”⁴, o qual se deu, num ambiente ao mesmo tempo profano e sagrado, o encontro com Nhorinhá.

E podemos tratar esse encontro como mais um degrau de um percurso iniciático: este, geralmente, inicia-se com o indivíduo afastando-se do convívio dos seus familiares, rumo à floresta; aqui, ao Sertão⁵. Lugar não menos propício, uma vez que as grandes revelações bíblicas deram-se no deserto. E a *cabana iniciática*, a qual associamos com a de Nhorinhá, faz parte de toda essa atmosfera impregnada do sagrado. É aqui que iniciará Riobaldo a apreensão dessa dimensão cósmica e ao mesmo tempo sagrada

Anuário de Literatura, 1996, pp.29-45

da união conjugal.

O encontro entre ambos anuncia mais uma prova imposta ao cavaleiro do Urucuia, prenúncio das dificuldades que se estabelecerão em sua própria trilha e existência. E este encontro é constituído por um certo ritualismo, certa opacidade e muito simbolismo: "Eu nem tinha começado a conversar com aquela moça, e a poeira forte que deu no ar ajuntou nós dois, num grosso rojo avermelhado" (G.S.V.: 31). Isso nos reporta, imediatamente, à epígrafe da obra, refrão também citado entre uma página e outra: "O diabo na rua, no meio do redemoinho..."

O encontro, que parecia casual, toma um novo contexto, uma outra dimensão. Um projeto, que inicialmente seria de simples orgia, detona outras possibilidades. A própria atitude de Nhorinhá, mulher de vida fácil, que invoca uma certa contradição religiosa cristã, nos surpreende com horizontes tão divergentes: "Depois ela me deu de presente uma presa de jacaré, para traspasar no chapéu, com talento contra mordida de cobra; e me mostrou para beijar uma estampa de santa, dita meia milagrosa. Muito foi." (G.S.V.: 31)

Como entender essa devoção por uma santa, sendo que as mãos que a seguram são de uma prostituta que vive com a mãe, que por sua vez é versada em artes mágicas, e os lábios que a beijam são de um jagunço que mata, pois sua arte é a de guerrear, num lugar "pecaminoso" e portanto "profano"? Pois, ao mesmo tempo em que é cultuada a imagem da santa, convive-se diretamente com as feitiçarias e credices populares.

Riobaldo, ao aceitar o convite de Nhorinhá, é instado a descer profundamente em si mesmo, uma operação semelhante às descidas iniciáticas aos "enfermos". Ele enfrentará percalços que dizem respeito ao seu próprio destino. Os ritos iniciáticos comportam as provas, a morte e a ressurreição simbólicas, e a iniciação equivale ao amadurecimento espiritual.

Essa relação com uma prostituta pode simbolizar a “queda,” comum e semelhante aos ritos de passagem. Ela significa muito mais do que aparentemente evidencia; há um significado além do que mostra o ato concreto da união sexual. “A iniciação desempenha um papel capital na formação do homem e consiste essencialmente numa mudança do regime ontológico do neófito”⁶.

No interior daquele recinto, o mundo profano é transcendido, o que o torna qualitativamente diferente. Há a passagem do mundo profano da prostituição para o mundo sagrado. Essa transcendência se exprime pelas imagens diferentes, que não são usuais em se tratando do ato sexual com uma prostituta. Ele é descrito como “casamento, esposal.” É um ato que aponta para a hierofania⁷. Portanto, a vida sexual, aqui, também é ritualizada.

Um ato fisiológico como a sexualidade é mais do que um fenômeno orgânico, “um tal ato nunca é simplesmente fisiológico; é ou pode tornar-se, um ‘sacramento’, quer dizer, uma comunhão com o sagrado”⁸. Além disso, a união sexual, como ritual, alcançou no tantrismo indiano uma certa importância. Neste, ela é a integração de dois princípios: a Natureza-Energia cósmica (Prakriti e Shakti) e o Espírito (Shiva). Ali, as experiências vitais como a sexualidade são providas de significado espiritual, de um significado religioso: o ato sexual assimilado à hierogamia Céu-Terra e à sementeira agrícola. Firma-se, assim, uma correspondência entre o corpo humano e o macrocosmos⁹. É uma analogia que santifica a experiência sexual.

Se o amor entre Riobaldo e Nhorinhá reina sobre o que é são - pois as coisas boas se tornam boas quando feitas de bom modo¹⁰ - esse encontro, além de constituir parte de uma série de ritualismos que se desencadeiam na obra, tem um papel profético: a luta entre o Bem e o Mal. Para chegar ao bem, Riobaldo busca uma ruptura com as beatitudes da carne; daí se justifica a

posterior separação de Nhorinhá, pois “o acesso à vida espiritual implica sempre a morte para a condição profana, seguida de um novo nascimento”¹¹. Também aqui, a experiência humana, mais especificamente a união sexual, é passível de ser convertida, sustentada num outro plano, “o trans-humano.”

Esse plano “trans-humano” pode passar despercebido se nos atermos ao fato de que Nhorinhá era uma prostituta. O que se espera de um relacionamento dessa natureza? O que uma prostituta tem a oferecer? É uma mulher sem preconceitos, de hábitos livres, mestra na arte de seduzir, e não sente o interesse erótico que demonstra, por isso finge. A prostituta é a encarnação da mulher “famélica do sexo.”

Entretanto, Nhorinhá é uma prostituta que foge deste arquétipo preconcebido. Nas palavras de Riobaldo, percebemos que ela lhe desperta emoções profundas, e além disso, o que é especificamente erótico nesta narrativa, não é o relacionamento sexual em si, mas o “arrepio” causado pelo encontro, é a languidez, a voluptuosidade desencadeada pela emoção.

Riobaldo vive uma paixão excepcional por Nhorinhá. A desconhecida prostituta, dotada de imensa energia e encantos, lhe desperta profunda confiança íntima. Mesmo após o encontro amoroso, mantém-se a chama acesa daqueles luminosos momentos, e cria-se um erotismo idealizado, algo situado além da felicidade comum. Ruptura com os padrões normais de relacionamentos fugazes, onde geralmente, o homem e a prostituta não demonstram desejo de continuidade. Principalmente nos homens, após um relacionamento sexual efêmero, há em geral um decréscimo de interesse pela parceira.

Mas, o olhar de Riobaldo sobre Nhorinhá transcende o interesse comum. E, se não é o sexo que faz a diferença, o que é que contribui para o sortilégio desta relação? Estamos diante de uma paixão que se recusa a

alcançar tudo o que poderia satisfazê-la. Esse comportamento de Riobaldo conota um relacionamento rico de novidades. É a porta aberta a um desejo que não poderá ser totalmente saciado, pois se isto acontecer, essa nostalgia expressa por Riobaldo seria ainda desejável, uma vez satisfeita?

Além do mais, “o amor não é um bem em si mesmo. Vale apenas por aquilo a que tende e só tem sentido quando submetido à inteligência, à razão”¹². E, se acreditamos como Diotima, que a principal função do amor é a de criar a virtude através da beleza, isto é, a de ensinar virtudes às almas dos homens, então poderemos compreender a atitude de Riobaldo com relação ao desejo de continuidade de uma lembrança.

Ele sente-se enamorado, encontra em Nhorinhá um valor único e insubstituível, o que gera um clima de “erotismo casto” que transborda no decorrer da narrativa. Casto porque esse erotismo é uma constante pela rememoração do ato e não pela sua repetição. A renovação do ato dá-se à medida que Riobaldo aceita as condições impostas pelo conflito entre o espírito e a carne, tentando superá-las e não as destruindo, mas divinizando-as, unindo assim duas forças antagônicas.

Entre ambos, estabelece-se um vínculo, um compromisso idealizado, mesmo que, inicialmente, só da parte de Riobaldo. Já com Nhorinhá, a vontade de continuidade dá-se em forma de desejo de um encontro real com o outro. Podemos notar isto, quando tomamos conhecimento da carta que esta enviou a Riobaldo, mas que chega às suas mãos tardiamente.

Esse relacionamento, aparentemente casual e fortuito, toma proporções fantásticas, simples e tocantes, pois Riobaldo desfruta, no decorrer da narrativa, de determinadas percepções amorosas pouco usuais. Percepções que contagiam o leitor e exercem sobre este um profundo poder, que independe de qualquer vontade. A imagem de Nhorinhá sempre está lá,

mesmo à sua revelia.

Assenta-se, inclusive, uma correspondência de Riobaldo com a cavalaria medieval. O tipo cavalheiresco de Riobaldo e a estilização de certas imagens e situações representadas por Nhorinhá são ressonâncias que apontam para um romance de raízes cortesias. Por exemplo, como garantia de seu amor, a prostituta oferece ao seu cavaleiro uma presa de jacaré, correspondente ao anel que a dama entregava ao seu cavaleiro nos romances cortesias. A presa é o sinal de uma fidelidade que justamente não é a dos corpos. A fidelidade passa a ser entendida como a recusa da continuidade do amor físico iniciado, mas não repetido. Riobaldo, assim como os trovadores e cátaros, glorifica a virtude da castidade, sem todavia exercê-la.

Além disso, a humildade, a lealdade, o respeito e a fidelidade à dama, virtudes da cortesia, estão presentes nas ações de Riobaldo. Mesmo não retornando a Nhorinhá, ele vive de uma boa e terna recordação daquela que lhe produziu uma emoção contínua e indelével do amor. Esse distanciamento tem o poder de eternizar a paixão.

Não podemos esquecer, também, que o tema da separação é o *leitmotiv* de todo amor cortês. Riobaldo não ousa reivindicar ou abandonar de todo essa ardência que gozou junto a Nhorinhá. Entretanto, busca manter a satisfação que aqueles momentos lhe despertaram: um prolongamento de um deleite, perpetuando o encantamento.

O que Riobaldo deseja é antes arder de amor que continuar possuindo Nhorinhá, já que o ardor intenso e devorante da paixão o diviniza. A lembrança sensual dela se apresenta com a idêntica nitidez da primeira vez, destacando-a daquele emaranhado de relacionamentos fugazes, de aparências efêmeras e cotidianas que ele vive.

Ele se compraz na posse desse amor distante. E a posse física de uma

mulher real, se for vista como profanação do amor, pode ser a via terrena que o destino lançou a Riobaldo para que este iniciasse seu percurso de penitência. Assim, a mesma sensualidade que condena em muitos casos, aqui, se diviniza. “Fazer amor sem amor, ceder à sensualidade puramente física, eis o pecado supremo, original, na visão cántara do mundo”¹³. Pecado que Riobaldo não cometeu, pois ele encontrou o amor e soube reconhecê-lo de imediato. Sua ligação com Nhorinhá extrapola o puro contato sexual.

Mas, de onde vem esse encanto de Riobaldo por Nhorinhá? Riobaldo descortinou em Nhorinhá uma beleza que não está perceptível somente nos olhos, mas sentida com todo o corpo, com todos os sentidos. Não é a beleza dela em si que o arrasta, mas o gesto convidativo, o sorriso, o abraço, seu frêmito, sua doçura, o perfume, o estremecimento. Ela conseguiu produzir nele uma emoção contínua do amor.

A paixão por Nhorinhá é sonhada como um ideal, e não temida por sua força abrasadora. Esse amor desperta em Riobaldo uma ardência e o instiga a desejar manter esse sentimento de posse. Nhorinhá é o próprio enigma da mulher, representa tudo o que há de eternamente fluido, evanescente, tudo que incita a paixão e desperta a avidez da posse. Riobaldo, maravilhado, deixa-se num primeiro momento, consumir num desejo puro.

Esse amor torna-se mais forte que a própria ordem de defender Joca Ramiro. Quando Riobaldo conta a Diadorim o segredo que Maria Duzuza, mãe de Nhorinhá, lhe sussurrou, Diadorim ameaça a “velha feiticeira” de morte. Temendo pela vida da filha desta, Riobaldo se nega a cumprir as ordens, que na verdade estariam zelando pela segurança de Joca Ramiro e seu bando. Diadorim, porta-voz de Joca Ramiro, sentencia: “Você já paga tão escasso então por Joca Ramiro? Por conta duma bruxa feiticeira, e a má-vida da filha dela, aqui neste confim dos gerais?” (G.S.V.: 35).

Mas, Riobaldo só toma consciência do amor que realmente dedicava a Nhorinhá anos mais tarde. Quando tem a carta nas mãos, repensa no acontecido: poderia ter sido ela sua esposa. Mas, embrenhados como estavam nas veredas dos sertões, nas veredas do destino, desposou outra: Otacília.

Em toda a literatura ocidental, a exaltação de um amor infeliz ou irrealizável, perpetuamente insatisfeito, característica herdada dos cátaros, desenrola múltiplas possibilidades e engendra um fantástico espetáculo. Afirmo Rougemont¹⁴ que o amor-paixão surgiu no século XII e sua origem é na cortesia, e Riobaldo, cavaleiro do Urucuia, representa bem esse papel de vassalo, comum aos trovadores daquele século. E como tal, necessita de alguém a quem possa dirigir seu lamento sensual, mesmo que seja a uma bela dama que não vai dizer “não”. Lamento este, bem diferente daquele dirigido a Otacília.

E Nhorinhá, com sua feição espontânea, mantém-se sempre em cena. Riobaldo, apesar de mostrar-se “vassalo” de Otacília, a quem dedica um amor puro, mantém, de certa forma, uma determinada subserviência à Nhorinhá, pois é a ela que dedica um amor ardente e presta-lhe, constantemente, homenagens por ter sido a mulher que mais afagos e carinhos lhe dedicou. Amor e doçura que nenhuma outra conseguiu ultrapassar: “E, isto, a torto digo, porque as duas não se comparavam com Nhorinhá, não davam nem para lavar os pés dela”. (G.S.V.: 491)

Dessa forma, também ela exerce o papel da dama distante que se deseja amar. E uma vez afastada, cultua-se um amor também casto. Enquanto que Otacília é a princesa distante pela qual Riobaldo não demonstra desejo, excitação, mas adoração. Temos uma mulher real *versus* uma mulher ideal.

Logo, nos perguntamos: que tipo de amor dedica Riobaldo a Nhorinhá? Apesar de este pensar constantemente naquela, não demonstra desejo de retornar, de reencontrá-la ou de desposá-la no percurso da travessia. O lugar de esposa é reservado sempre a Otacília.

Estas questões nos remetem à forma inteiramente nova de poesia que nasceu no sul da França, pátria cátara, que celebrava a dama dos pensamentos, a idéia platônica do princípio feminino, o culto do Amor contra o casamento e, ao mesmo tempo, a castidade. E se “a paixão é a inimiga íntima da instituição matrimonial e de sua ética”¹⁵, podemos entender por que foi Otacília a desposada e não Nhorinhá.

A separação de ambos - obstáculo estabelecido aparentemente pela guerra - não é apenas um artifício romanesco, pois ocorre a distanciamento dos amantes em detrimento de sua felicidade. Ela é uma espécie de transcendência das condições comuns dos personagens.

O encontro de ambos estava envolvido por um clima mágico, não comum ao tratamento dispensado por uma e para uma prostituta. Riobaldo gosta de sentir amor, e basta-lhe um sonho apaixonado. Nhorinhá, ao contrário, procura, através da carta, trazê-lo para próximo de si, realizar um sonho.

Todavia, Riobaldo precisa da imagem de Nhorinhá, mas não dela tal como é, precisa mais de sua ausência do que de sua presença, pois quer arder de paixão. E a presença do outro se faz cada vez mais forte na sua ausência. Prolongar o prazer se faz necessário, pois a separação é primordial para o progresso da paixão. E, ao prolongar este prazer pela separação, Riobaldo - herdando uma grande virtude de Eros, a temperança - domina os prazeres e as concupiscências, “pois o amor é mais forte que todos os prazeres”¹⁶.

Podemos, então, concluir que “a separação dos dois resulta, assim, de sua própria paixão e do amor que têm por sua paixão, mais do que seu contentamento, mais do que seu objeto vivo”¹⁷. A partir desta, há um progressivo aumentar da paixão. A separação possui um valor afetivo e efetivo muito mais forte que a própria paixão, pois a primeira é que fomenta a segunda. O permanecer ao lado um do outro, ameaçaria os amantes neste “jogo amoroso”. É a negação da contínua aliança física que sustenta essa paixão, uma vez que o amor amoroso, espontâneo, vitorioso e não combatido é, por essência, efêmero. É uma chama que não pode sobreviver ao brilho de sua consumação. Mas a sua ardência permanece inesquecível e é precisamente ela que os amantes desejam prolongar e renovar ao infinito¹⁸.

Se existia algo de puramente instintivo na relação de ambos - apesar de que em *Grande Sertão: Veredas* a sexualidade não pode ser considerada como vil - a separação foi um modo de purificar o que subsistia de espontâneo e animal no desejo, o que nos leva a acreditar na vitória da paixão sobre este. A separação - obstáculo - tornou-se, assim, objetivo, o fim desejado por si mesmo. A morte da consumação do desejo foi necessária para a eternização da paixão. E ela desempenhou, apenas, um papel de prova purificadora, quase de penitência a serviço desta morte que transfigura e aponta para um objetivo maior: o conhecimento, a aproximação do Bem.

Riobaldo deseja um amor cujo esplendor só pode ser o suicídio. Se a separação nos traz sofrimento, e há uma ligação profunda do sofrimento e do saber, a dor pode ser um meio privilegiado de conhecimento. Não se trata de sofrimentos corporais, mas da alma que sofre a separação da paixão.

Apesar de ter havido entre os dois um contato sexual efervescente, e este contato ter sido somente iniciado pela busca do prazer corporal, Riobaldo, ao partir, mantém-se atado a Nhorinhá espiritualmente, e sente-se

feliz por sê-lo. “No tantrismo, essa ‘beatitude erótica,’ obtida pela suspensão não do prazer, mas de seu efeito físico, é utilizada como experiência imediata para obter o estado de nirvana”¹⁹.

Prisioneiro de um relacionamento passado, Riobaldo mostra a necessidade de falar daquela que ama e necessidade de livrá-la do julgamento: Nhorinhá, namorã, que recebia todos, ficava lá, era bonita, era a que era clara, como os olhos dela mesma... E os homens, porfiados, gostavam de gozar com essa melhora de inocência. Então, se ela não tinha valia, como é que era de tantos homens?” (G.S.V.: 485)

O amor, inicialmente partilhado, mesmo inconscientemente, já podia estar sendo combatido. E, durante a travessia rumo ao Liso do Sussuarão, Riobaldo sentia-se feliz diante da felicidade que rejeitava, isto porque “amar o amor mais que o objeto do amor, amar a paixão por si mesma é amar e procurar o sofrimento”²⁰.

E esse sofrimento poderia conduzi-lo a um estado de purificação, de descoberta, de permanência ao lado do Bem. Nhorinhá é uma mulher amada, mas também é outra coisa, símbolo do “Amor luminoso”²¹. Quando Riobaldo vaga pelos sertões, ele a ama ainda mais, e isto configura uma situação mística: quanto mais ama, mais necessita do distanciamento da amada, mais se quer separado.

Sabemos que Riobaldo está enredado numa procura secreta: a existência do Bem e do Mal. Agonizando com estas questões que não consegue resolver, busca também a intensidade da paixão e não o seu apaziguamento feliz. Ele é um homem de natureza contraditória, procura no ato do amor não a voluptuosidade de uma profanação, mas busca realizar a “proeza divinizante permanecendo casto”²² (esta castidade se aplica especificamente ao seu relacionamento com Nhorinhá; não esqueçamos seus

outros envolvimento afetivos).

Para tal, seu amor a Nhorinhá é sublimado e essa relação carnal e sua posterior sublimação pode ser analisada como um dos obstáculos a ser superado rumo à ascese. E ele se impõe uma certa castidade, o retorno àquela que muito prazer lhe proporcionou não se dá. Entretanto, não podemos, também, omitir a possibilidade de esse reencontro não acontecer por critério do “acaso”. Se assim for, a separação não seria apenas pela vontade de Riobaldo.

Por vontade ou por obra do acaso, Riobaldo converte esse desejo, deixando-se, ao mesmo tempo, levar-se por ele, pois um sentimento de adoração purificada pode volver para o Deus-Espírito. É a glorificação da paixão. Esse entusiasmo, esse “endeusamento”, pode ser lido como uma tentativa de aproximação do divino através de Eros. Esse delírio procederia do que é terreno, mas uma vez sublimado seria divinizado e o impulsionaria para o Uno:

A dialética de Eros introduz na vida algo totalmente estranho aos ritmos da atração sexual, um desejo que não decresce jamais, que nada mais pode satisfazer, que até mesmo desdenha e foge à tentação de se realizar em nosso mundo, porque só deseja abraçar o Todo. É a superação infinita, a ascensão do homem para o seu deus. E esse movimento é sem retorno²³.

Isto justificaria esse Desejo sem fim que Riobaldo manifesta por Nhorinhá, ela passa a objeto de contemplação, um convite ao que está além das “formas encarnadas”. Esse combate passa-se no âmago do nosso jagunço: um combate entre o amor sensual e o amor sublimado. Amar torna-se, agora, uma ação transformadora, uma superação do carnal. Esse

desembaraçar-se do corpóreo é condição para a purificação. Esse amor carnal, de deleite e, sob certa perspectiva profano, pode simbolizar um ato sublime, um caminho de ascese²⁴.

Logo, uma dialética entre o terreno e o divino se estabelece, a superação do primeiro é condição primordial para uma nova vida. Sublimando seu desejo de posse, Riobaldo superaria o desejo terreno e se aproximaria do Bem. E não é esta a luta que se trava em todo o romance, a inquietação pela aproximação ao inefável, ao indizível?

Assim, entre Riobaldo e Nhorinhá observamos, inicialmente, uma comunhão carnal e posteriormente, uma união mística (amor divino feliz), pois “amar a idéia do amor ou seu mortal e delicioso ardor”²⁵ manifesta não só o desejo da purificação, mas a sua concretização. A exaltação da idéia do Amor será ao mesmo tempo sua ascese, a via que conduz para além da vida terrena. O seu próprio amor se encontra, assim, transformado. O que Riobaldo procura é, nesta perspectiva, a projeção da alma para a “união luminosa”, para além de todo amor possível nesta vida.

Isto nos faz considerar Nhorinhá uma das personagens mais contraditórias da obra. Além de ela ser uma criação indelével do espírito de Riobaldo, ela se confunde num misto de objeto sexual e dama. Em alguns instantes, é o símbolo da morte do espírito, do apego à carne e às suas luxúrias e gozos; noutros, é o convite para a morte divinizante, libertadora dos liames terrestres.

Além do mais, nos perguntamos: quem se oferece mais ao papel de “Dama dos pensamentos”, Otacília ou Nhorinhá? uma vez que é com Otacília que Riobaldo se casa, rompendo com a tradição cátara do culto do amor contra o casamento e, ao mesmo tempo, a castidade.

A quem Riobaldo pagou mais tributo? Àquela que desposou, ou

àquela que, mesmo distante, sem jamais retornar a vê-la ou dela ter notícias, demonstra, ao receber sua carta, um rejuvenescimento, um revigoramento súbito daquele amor, que acreditava já mudo, após oito anos? A quem Riobaldo emprega todas as faculdades na contemplação eterna do amor único? Quando recebi a carta, vi que estava gostando dela, de grande amor em lavaredas; mas gostando de todo tempo, até daquele tempo pequeno em que com ela estive, na Aroeirinha, e conheci, concernente amor. (G.S.V.: 93)

Responder as questões acima enumeradas, com nomes que representem fortes envoltimentos amorosos, é simplificar e empobrecer esta relação tão mística de Riobaldo com as figuras femininas. Essa relação está envolta por uma aura que a diferencia de qualquer enamoramento trivial. Riobaldo é um homem contraditório, que “bebe água de todo rio”²⁶, o que nos incita a uma outra inquietação: qual a concepção de amor para Riobaldo?

Diferente do amor que destina a Diadorim e a Otacília, ou a qualquer outra das mulheres com as quais mantém amplo ou estreito contato, podemos afirmar que Riobaldo não se detém à forma terrena do amor. Talvez encontraremos nas palavras de Cavalcanti²⁷ uma concepção do amor que, de certa forma, estabelece uma comunicação com Riobaldo:

O amor existe quando o desejo é tão grande que ultrapassa os limites do amor natural... Como não provém da qualidade, ele reflete perfeitamente sobre si mesmo o seu próprio desejo. Não é um prazer, mas uma contemplação.

Estamos condenados, pois, a saborear a busca de Riobaldo por um amor infinito, e o amor infinito só pode ser o divino: o Uno. E na busca por esse amor sem fim, era preciso que Nhorinhá fosse o amor impossível, pois todo amor possível nos reduz aos limites do espaço e do tempo, e o amor

romanesco pode vencer diversos obstáculos, mas não resiste ao tempo.

Riobaldo não vive para o imediato, ele espera e recorda. Diante de um forte enamoramento de Nhorinhá, uma ordem se estabelece sobre ganhos de um patrimônio de lembranças²⁸. Por isso, a sua preocupação de preservar o passado. Para ele, amar de amor-paixão significa “morrer” diante do desejo carnal²⁹. E assim, ganha o ato a transcendência.

Notas

1. Sempre que nos referirmos a esta obra utilizaremos G. S. :V. entre parênteses.
2. Cf., PLATÃO, *Banquete*. Tradução de Jorge Paleikat. Rio de Janeiro: Ediouro. pp. 84-93.
3. Platão julga que “... às ações vis e desonestas se liga a desonra e às boas ações está ligado o amor.” Op. cit. p. 84.
4. NUNES, Benedito. O amor na obra de Guimarães Rosa, In *Guimarães Rosa*. Org. Eduardo F. Coutinho. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991, p. 145.
5. As alusões sobre os ritos iniciáticos foram feitas baseadas no capítulo “Ritos de Passagem e Fenomenologia da Iniciação”, Mircea Eliade, In *O sagrado e o Profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1995, p. 150 -15 6.
6. Cf., ELIADE, Mircea. Op. cit. p. 152.
7. Segundo Mircea Eliade a hierofania exprime apenas o que está implicado no seu conteúdo etimológico, a saber, que “algo de sagrado se nos revela”. Op. cit. p. 17.
8. Idem p. 20.
9. Cf. ELIADE, Mircea, op. cit., pp. 137-141.
10. Assim se pronuncia Platão sobre o amor: “... o amor não é simples, e

como já vos disse no início as coisas em si mesmas não são boas nem más, mas boas se tornam quando feitas de bom modo, e más, no caso contrário.

Op. cit., p. 89.

11. ELIADE, Mircea, op. cit., p. 163.

12. PALEIKAT, Jorge, introd. a PLATÃO, *O Banquete*, op. cit., p. 76.

13. ROUGEMONT, Denis de. *O Amor e o Ocidente*, trad. Paulo Brandi e Ethel B. Cachapuz, Rio de Janeiro: Guanabara, p. 100.

14. Op. cit., p. 269.

15. ROUGEMONT, op. cit., p. 269.

16. Sobre o assunto, Platão se pronuncia assim: "Pensa bem, e dize-me se não devemos afirmar, não que parece mas que necessariamente não possui a coisa aquele que a deseja e, que se a tivesse não a desejaria? Creio ver aí algo que é necessário; e tu, que achas?" Op. cit., p. 102.

17. ROUGEMONT, op. cit., p.269.

18. Idem p. 37.

19. Idem, p. 88.

20. Idem, p. 41.

21. Expressão utilizada por ROUGEMONT. op. cit., p. 107.

22. Idem, p. 151.

23. Idem, p. 48.

24. Cito Platão: "Quando, das belezas inferiores nos elevamos através de uma bem entendida pedagogia amorosa, até a beleza suprema e perfeita, que começamos então a vislumbrar, chegamos quase ao fim, pois na estrada reta do amor, (...) cumpre sempre subir usando desses belos objetos visíveis como degraus de uma escada: de um para dois, de dois para todos os belos corpos, dos belos corpos para as belas ocupações, destas aos belos conhecimentos, até que, de ciência em ciência, se eleve por fim o espírito à

ciência das ciências que nada mais é do que o conhecimento da Beleza Absoluta.” op. cit. p. 116.

25. ROUGEMONT. op. cit. p. 54.

26. ROSA, João Guimarães, *Grande Sertão: Veredas*. 20a. edição, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

27. Apud ROUGEMONT. op. cit. p. 130 .

28. O que Riobaldo deseja não é só possuir. Mas possuir sempre. Recorremos a PLATÃO, op. cit. p. 111, que, sob a máscara de Sócrates e Diotima, discutem sobre o assunto:

DIOTIMA: - “Não podemos, então, concluir simplesmente que os homens amam o que é bom?

SÓCRATES: - Sem dúvida.

DIOTIMA: - E não convém acrescentarmos que desejam também possuir o que é bom?

SÓCRATES: - Devemos.

DIOTIMA: E não só possuir, mas possuir sempre?

SÓCRATES: - Também.”

29. “Os olhos do espírito só começam a ver melhor quando os olhos do corpo se fecham.” PLATÃO. op. cit. p. 123.